



SANDRA JATAHY PESAVENTO: IMAGENS, LEMBRANÇAS, INDÍCIOS

Chiara Vangelista*
Universidade de Gênova
Chiara.Vangelista@unige.it

RESUMO: Este artigo tem como objetivo ressaltar a importância da produção historiográfica de Sandra Jatahy Pesavento.

PALAVRAS CHAVE: Historiografia brasileira – História Cultural – Sandra Jatahy Pesavento

ABSTRACT: This article aims to highlight the importance of Sandra Jatahy Pesavento's historiographical production.

KEYWORDS: Brazilian historiography – Cultural History – Sandra Jatahy Pesavento

Conheci Sandra Jatahy Pesavento no Rio de Janeiro, em julho de 1992, em ocasião do Congresso **América 92**. Nós não nos encontramos na UFRJ, nas salas ou nos corredores do antigo hospital onde se celebrava o evento, mas na **Academia da Cachaça**, no Leblon. Lembro de um barzinho pequeno, muito agradável, agora é mais amplo, teve sucesso. Eis a imagem, muito nítida, que tenho daquele encontro: Sandra, ao anoitecer, uma mesinha, uma caipirinha, seu sorriso, no fundo, as cores brilhantes da bandeira do Brasil. Este episódio ficou em nossas lembranças e brincadeiras: qual amizade poderia ser mais sólida, qual relação mais conceituada, do que aquela nascida na **Academia da Cachaça**? A conversa da Sandra parecia brincadeira, mas não era. De imediato começamos a falar de nossas pesquisas e a trocar idéias.

Eu gostei logo dela.

* Professora de História da América Latina e de História Contemporânea da Faculdade de Língua e Literatura Estrangeira da Universidade de Genova, Itália. É doutora em Ciência Política pela Universidade de Torino, onde defendeu a tese **Immigrazione e cicli economici in Argentina e in Brasile (1876-1914)**. Especialista em História da América Latina, publicou inúmeros artigos, muitos dos quais se referindo à história e à cultura brasileiras.

Voltando às nossas ocupações rotineiras, começamos uma correspondência bastante regular (naquela época, era papel, selos, envelopes), trocamos livros e artigos. Lembro-me do primeiro livro que me enviou: um pequeno volume, por ela organizado, sobre os mapas do descobrimento. Conhecia o seu **A burguesia gaúcha. Dominação do capital e disciplina do trabalho. RS, 1889-1930**¹ dedicado à memória de sua mãe. Não era o primeiro, ela já tinha trabalhado com temas parecidos, mas o assunto do livro que me enviou, sobre os mapas, deu-me o indício que ela também, como eu e muitos historiadores da nossa geração, estava mudando a orientação de pesquisa, enfrentando novas questões historiográficas.

Aquelas trocas continuaram por todo o tempo que a vida nos concedeu.

Os livros de Sandra, de sua autoria ou organizados por ela, estão em vários setores da minha biblioteca: história econômica, história social, história das cidades, história cultural. Poucos estão nas estantes da história local, e nenhum nas da história da imigração. De fato, Sandra, historiadora gaúcha, tratou raramente da imigração no Rio Grande do Sul. Por outro lado, ainda que muito comprometida com o estudo e a divulgação da história de Porto Alegre (agradeço Nádia Weber por ter me enviado alguns documentários televisivos, uma faceta do trabalho de Sandra que eu não conhecia), dedicou-se só marginalmente à história local propriamente dita. Sua aspiração era de outro tipo: colocar Porto Alegre e o Rio Grande do Sul em um contexto mais amplo, com especial sensibilidade pelas interconexões com o Brasil inteiro e com a Europa. Este, a meu ver, foi o projeto da sua vida intelectual e pessoal também: como esquecer seu apartamento em Paris, muito francês, mas não só: os azulejos mexicanos, os tecidos brasileiros, a cadeira tailandesa e, sobretudo, a abelha dourada na porta.

A abelha da princesa.

Dois anos depois encontramos-nos outra vez. O ambiente era mais acadêmico que aquele de nosso primeiro encontro: a área de piquenique da Universidade de Estocolmo. Era outro Congresso, o 48º ICA, em julho de 1994. Estávamos descansando, num intervalo dos simpósios que organizáramos naquela ocasião: ela, **Leituras Cruzadas** entre história e literatura, eu, sobre a temática que estava virando central nas minhas pesquisas: **Fronteiras e grupos indígenas da América do Sul**. Encontro breve, mas importante: com Sandra, além das brincadeiras e das fofocas, o assunto principal

¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A burguesia gaúcha**. Dominação do capital e disciplina do trabalho. RS, 1889-1930. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

era sempre a pesquisa e o papel intelectual do historiador. Em pouco tempo, recebi o convite para a reunião de **Leituras Cruzadas**, em Poitiers, organizada por Ria Lemaire (junho de 1996). O *paper* que apresentei naquela ocasião foi o resultado de um de meus estudos mais trabalhosos e ousados: uma leitura por assim dizer etno-histórica de **Meu tio o Iauareté** (“Um homem-onça nas fronteiras brasileiras”, 1997 e 2000). Gostei, o grupo gostou, entrei definitivamente em **Clópe**, o novo nome do seminário, decidido naquela ocasião.

Clópe era um projeto novo e atrevido. Aí, naquele espaço fechado (sempre houve críticas pelo fato de que as reuniões não eram públicas), praticava-se – ou se tentava de praticar – a interdisciplinariedade. Não palavra vazia, boa para dar importância aos pedidos de financiamentos de pesquisa; mas metodologia experimentada no longo período. O desafio era efetivamente muito comprometedor: nos propúnhamos a deixar o roteiro seguro de nossas pesquisas, assim como as havíamos amadurecido no tempo, para enfrentar todos juntos uma leitura de textos às vezes muito afastados da nossa formação. Ao mesmo tempo, era necessário não esquecer nossas especificidades, de historiadores, de críticos literários, ou de críticos de arte. Os desentendimentos, as tensões, as decepções e defecções eram inevitáveis. De fato, o grupo cresceu muito – o projeto era fascinante – mas ao mesmo tempo, entre 1997 e 2000, perdeu de vista parte de seus objetivos. Em Roma (Universidade “La Sapienza”), na reunião organizada por Ettore Finazzi-Agrò, em outubro de 2000, houve outra virada, definitiva, com a refundação de **Clópe**. Remeto ao texto da proposta discutida naquela ocasião:

Se, por um lado, existe uma especificidade no manuseamento de fontes comuns ou próximas, o que decorre das competências individuais, a dupla abordagem ao texto, literal e literária, proporciona uma pluralização de pontos de vistas, fértil tanto para o historiador quanto para o crítico. O esforço, portanto, não será de transformar o historiador em crítico [literário] e vice-versa, mas de oferecer, a um e a outro, mais ferramentas científicas para aguçar o seu ato crítico. A osmose entre o questionamento do que um texto diz e como o diz não só não tenciona desvirtuar cada especificidade, mas tornar acessíveis a diversos especialistas áreas críticas normalmente marginalizadas dentro das grelhas epistemológicas dos âmbitos disciplinares institucionalizados, promovendo um efetivo intercâmbio de saberes.²

² PROPOSTA DE refundação de **Clópe**, dact., Roma, 2001, p. 2.

Não conheço nos pormenores a gestação daquele texto, apresentado por “Sandra, Roberto, Ettore, Jacques”, mas lembro bem que a proposta foi determinante para que eu decidisse ficar no grupo. Guardo ainda a fotografia do evento: Sandra, no meio, as mãos apoiadas na mesa da conferência – uma daquelas suas posturas enérgicas – e todos nós ao redor dela.

Ela havia construído em nível internacional o que, paralelamente, estava concretizando no Brasil: grupos de pesquisa, nos quais se trabalhava mesmo (nada de turismo acadêmico!), e se produzia. Cada projeto, um ou mais livros. E artigos, eventos, projetos que se desdobravam a partir do assunto inicial.

Foi neste contexto que nosso relacionamento profissional virou amizade. Duas mulheres muito diferentes entre si, mas unidas pela paixão pela pesquisa histórica e pelo Brasil. Unidas, também, por outros valores, igualmente fundamentais em nossas vidas e que condicionaram nossas trajetórias. A história desta amizade é um assunto entre Sandra e eu e, agora, desde o dia 29 de março de 2009, fica só comigo. O que eu quero lembrar aqui, porque sei que posso compartilhar com os muitos amigos, alunos e colegas de Sandra, é a experiência de sua lealdade. Uma postura forte, uma lealdade de guerreira, uma atitude que raramente experimentei nas minhas relações profissionais.

A este período de “pós-refundação” de **Clópe** pertencem duas das mais importantes experiências de minha vida profissional: o projeto sobre Sérgio Buarque de Holanda, organizado por Sandra **Um historiador nas fronteiras. O Brasil de Sérgio Buarque de Holanda**,³ cujos parceiros foram Jacques Leenhardt, presente desde o tempo de **Leituras Cruzadas** e ponto de referência fundamental para **Clópe**, Ettore Finazzi-Agrò, Roberto Vecchi e eu, e o projeto chamado familiarmente “os franceses”, cujo resultado é o volume **A construção francesa do Brasil**,⁴ coordenado por Jacques Leenhardt, com os mesmos integrantes do antecedente, mais Antonio Dimas. Duas temáticas só aparentemente distintas, porque unidas pelo elo da construção e representação do Brasil, de um lado e do outro do Atlântico; dois trabalhos que nos forneciam argumentos fundamentados para abrir uma nova perspectiva de análise – pena que o tempo faltou: o papel do múltiplo jogo de espelhos na construção da identidade nacional.

³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org.). **Um historiador nas fronteiras. O Brasil de Sérgio Buarque de Holanda**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

⁴ LEENHARDT, Jacques. (Org.). **A construção francesa do Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2008. 299 p.

Acho que a partir da refundação de **Clópe** a produção de Sandra aumentou de maneira importante: colheita de tantos anos de estudo e de grupos organizados e, talvez, fruto de uma corrida contra o tempo também. Tenho a certeza de que outros escreverão a propósito de seus livros fundamentais sobre a cidade e, de maneira especial, sobre a trilogia **O imaginário da cidade**. Visões literárias do urbano,⁵ **Uma outra cidade**. O Mundo dos Excluídos no Final do Século XIX⁶ e **Os sete pecados da Capital**.⁷ Por minha parte, gostaria de citar aqui um dos meus mais queridos desta fase da sua produção: **História & História Cultural**,⁸ onde SJP sintetiza os processos formativos e as hipóteses de trabalho que estão por detrás desta outra maneira de praticar a história:

Não se trata de fazer uma História do Pensamento ou de uma História Intelectual, ou ainda mesmo de pensar uma história da Cultura nos velhos moldes, e estudar as grandes correntes de idéias e seus nomes mais expressivos. Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.⁹

Trata-se de uma breve síntese de alta divulgação, na qual se enxerga a mão firme da historiadora de qualidade e de experiência, e a coerência com os estudos feitos ao longo de muitos anos. Também neste caso, da história do Brasil se passa a uma história global, e de forma especial ao caldeamento cultural ao qual pertencem o Brasil e a Europa. As obras de Bruegel, Goya, Daumier, Magritte e tantos outros pontuam o percurso analítico. Mais uma vez, nossas perspectivas entrecruzavam-se.

Este livro é um indício importante, na amplíssima produção de SJP, da consolidação de seu grande projeto, o GT de História Cultural, na ANPUH. Nele, sintetizou-se um roteiro pluridecenal, concretizaram-se suas capacidades científicas, projetuais e de organização. Um grupo bem maior do que aquele de **Clópe**, uma verdadeira equipe nacional, mas com uma clara perspectiva internacional e capaz de integrar com inteligência, amizade e alegria os *estrangeiros*. Um grande espaço científico, no qual jovens e *seniores* trabalham, juntos, sobre imagens, oralidade, sensibilidades. Mais que as palavras, que podem parecer retóricas, valem os resultados:

⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**. Visões literárias do urbano. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

⁶ Id. **Uma outra cidade**. O mundo dos excluídos no final do século XIX. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2001.

⁷ Id. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008.

⁸ Id. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

⁹ Ibid., p. 15.

não só os volumes de coletâneas, mas também as numerosas monografias e as pesquisas individuais dos integrantes do GT.

Sensibilidades e sociabilidades foi o último grande projeto coordenado por Sandra, realizado graças à vontade e à união de muitos valiosos pesquisadores, conquistados ao longo dos anos por esta nova fronteira da história. Um projeto que, apesar da doença, ela conseguiu levar até a sua realização, no IV Simpósio Nacional de História Cultural, celebrado em Goiânia, em outubro de 2008.

A última vez que a encontrei.

Um evento no qual ela fez a colheita de tudo o que tinha semeado até aquele momento: o estudo, os projetos, a capacidade de formar e consolidar equipes. Mas também recolheu os dons da amizade (a constante presença de amigas como Rosângela Patriota e Nádia Weber), do amor (o apoio e os cuidados de Roberto Pesavento, seu marido), do afeto (o sustento moral de seus filhos e netos).

A imagem do encerramento do simpósio permaneceu impressa em minha memória: a sala cheia de gente, Sandra no palco, junto com Rosângela. Naquele momento, acho que ela até conseguiu enganar muitos de nós, nos iludir de que ela teria continuado seu trabalho, de que ela teria continuado neste mundo por muitos anos ainda.

A morte de Sandra cristalizou na minha memória esta imagem e outros episódios posteriores, indícios de uma luta ímpar e frontal. Estes fragmentos haviam apagado outras imagens, que aos poucos estão retomando o seu próprio lugar: as incursões nas livrarias de Porto Alegre, Paris, Turim, Rio de Janeiro, Chester, Roma... As reuniões cliopenses no escritório de Jacques... As histórias tenebrosas dos crimes em nossas respectivas cidades, tema que nos apaixonava muito... As fotografias de uma breve viagem pelo litoral catarinense, à procura do roteiro de Saint-Hilaire... imagens de Sandra historiadora, lembranças de uma preciosa e rara amizade.¹⁰

Turim, 30 de agosto de 2009.

¹⁰ Agradeço Luis Fernando Beneduzi pela revisão do meu português.